CIBERCULTURA E CRIAÇÃO CONCEITUAL

CYBERCULTURE AND CONCEPTUAL CREATION

CIBERCULTURA Y CREACIÓN CONCEPTUAL

Andrews Dubois Jobim[1]

Lucia Maria Martins Giraffa[2]

RESUMO

A cibercultura estabeleceu uma relação descentralizada tanto de produção, bem como de acesso ao conhecimento, onde as fontes de sentido conectam entre si em uma estrutura de rede não-hierárquica, transformando as formas de interação dos sujeitos com o mundo circundante, produzindo novos modos de existência nunca antes pensados. Assim, modificam-se as relações de trabalho, sociais, de saúde, da educação. Construir um entendimento crítico dessas transformações e potencializá-las para produzirem soluções para os problemas contemporâneos é tarefa de todos os educadores. Num mundo onde as tecnologias digitais são destaque emerge a necessidade de formarmos cidadãos para compreender criticamente esta extensão do espaço físico e suas potencialidades e riscos. Nesse sentido, este trabalho propõem um diálogo entre a cibercultura e o ensino de filosofia (aqui entendido a partir da perspectiva da criação conceitual), visando potencializar processos e inserir as práticas no contexto da contemporaneidade. Pretende-se relacionar a criação conceitual e a cibercultura, explorando a noção de universal não totalizante como ponte para essa aproximação. Para isso, apoia-se o aporte teórico nas obras Gilles Deleuze e Félix Guattari, Pierre Lévy, e Silvio Gallo. Acredita-se na relação possível e necessária entre a cibercultura e o ensino de filosofia através da noção de criação conceitual. Sabendo que ensinar filosofia implica em fazer opções teóricas que acabam por determinar as práticas, sendo necessário optar por perspectivas mais orientadas aos tempos contemporâneos. A proposta é alicerçada em intenso processo de experimentação de problemas para gerar soluções, engajando os estudantes na construção do próprio conhecimento. À cada pessoa é importante reconhecer sua dignidade de produzir seus conceitos, sem a exigência de cumprir determinados pré-requisitos para ter afirmada sua capacidade filosofante. O contexto da cibercultura, compartilha desta abertura à multiplicidade e às potências produtoras de sentido. Aqueles que filosofam, assim como aqueles que navegam na internet, são convidados a criar expressando-se através desse ato. Não que isso se dê sempre de forma ampla, com grandes processos criadores, mas já se manifesta nas pequenas interações e experiências específicas. Enfim, acredita-se ser relevante essa aproximação entre a cibercultura e a criação conceitual para que práticas inovadoras possam ser pensadas no ensino de filosofia, atualizando sua configuração e seus modos de ser, de forma a oportunizar experiências mais interessantes e atrativas aos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de filosofia. Cibercultura. Criação conceitual.

ABSTRACT

Cyberculture has established a decentralized relationship of both production and access to knowledge. Sources of meaning connect each other in a non-hierarchical network structure, producing new forms of existence never thought of before. Work, social, health, and education relationships have changed. Building a critical understanding of these transformations and leveraging them to produce solutions to contemporary problems is the task of all educators. This work proposes a new approach to the teaching of philosophy from the perspective of conceptual creation, aiming to enhance processes and insert practices in the context

[1]Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas e mestrando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Membro do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação Digital (Argos). E-mail: andrews.jobim@edu.pucrs.br

[2] Professora titular da Escola Politécnica – Computação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul onde leciona Algoritmos e Programação. Pesquisadora e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação – Escola de Humanidades/PUCRS. Bolsista Produtividade CNPq-nível 2. Líder do Argos – Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação Digital da PUCRS. E-mail: giraffa@pucrs.br

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n. 2, p. 15-25, maio/ago. 2022

Recebido em: 10 jun. 2022 | Aceito em: 31 jul. 2022

of contemporaneity. It intends to relate conceptual creation and cyberculture, exploring the notion of non-totalizing universal as a bridge to this approximation. For this, the theoretical contribution is based on the works Gilles Deleuze and Félix Guattari, Pierre Lévy, and Silvio Gallo. Each person needs to recognize their dignity to produce their concepts without the requirement to fulfill specific prerequisites to have their philosophizing capacity affirmed. The context of cyberculture shares this openness to multiplicity and the meaning-producing powers. Those who philosophize and browse the internet create by expressing themselves through this act. Finally, this approximation between cyberculture and conceptual creation is relevant so that innovative practices can be thought of in the teaching of philosophy, updating its configuration and ways of being to create more exciting and attractive experiences for students.

KEYWORDS: Philosophy teaching. Cyberculture. Conceptual creation.

RESUMEN
La cibercultura ha establecido una relación descentralizada tanto de producción como de acceso al conocimiento, donde las fuentes de sentido se conectan entre sí en una estructura de red no jerárquica, transformando las formas de interacción de los sujetos con el mundo circundante, produciendo nuevos modos de comunicación de existencia. nunca antes pensado. Así, se modifican las relaciones laborales, sociales, sanitarias y educativas. Construir una comprensión crítica de estas transformaciones y aprovecharlas para producir soluciones a los problemas contemporáneos es tarea de todos los educadores. En un mundo donde se destacan las tecnologías digitales, surge la necesidad de que formemos ciudadanos para comprender críticamente esta extensión del espacio físico y sus potencialidades y riesgos. En ese sentido, este trabajo propone un diálogo entre la cibercultura y la enseñanza de la filosofía (aquí entendida desde la perspectiva de la creación conceptual), con el objetivo de potenciar procesos e insertar prácticas en el contexto de la contemporaneidad. Se pretende relacionar creación conceptual y cibercultura, explorando la noción de universal no totalizante como puente a esta aproximación. Para ello, el aporte teórico se basa en los trabajos de Gilles Deleuze y Félix Guattari, Pierre Lévy y Silvio Gallo. Creemos en la posible y necesaria relación entre la cibercultura y la enseñanza de la filosofía a través de la noción de creación conceptual. Sabiendo que enseñar filosofía implica hacer elecciones teóricas que acaban determinando prácticas, es necesario optar por perspectivas más orientadas a la contemporaneidad. La propuesta se basa en un intenso proceso de experimentación con problemas para generar soluciones, involucrando a los estudiantes en la construcción de su propio conocimiento. Es importante que cada persona reconozca su dignidad para producir sus conceptos, sin que sea necesario cumplir ciertos requisitos previos para afirmar su capacidad filosófica. El contexto de la cibercultura comparte esta apertura a la multiplicidad y los poderes productores de significado. Quien filosofa, así como quien navega por internet, está invitado a crear expresándose a través de este acto. No es que esto siempre ocurra de manera amplia, con grandes procesos creativos, pero ya se manifiesta en pequeñas interacciones y experiencias puntuales. Finalmente, se cree que esta aproximación entre cibercultura y creación conceptual es relevante para que se puedan pensar prácticas innovadoras en la enseñanza de la filosofía, actualizando su configuración y sus formas de ser, con el fin de brindar experiencias más interesantes y atractivas para los estudiantes.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza de la filosofía. Cibercultura. Creación conceptual.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É importante considerar a relação possível e necessária entre a filosofia e as tecnologias digitais. Isso porque, enquanto uma tecnologia da criação de conceitos, a filosofia parece dialogar muito bem com as novas possibilidades da cultura emergente do ciberespaço: a cibercultura. Ambos os casos, a criação de conceitos e a cibercultura, são processos ativos de instauração de novos sentidos, a partir de dinâmicas criativas e orientadas por problemas, ou seja, existe uma centralidade do problema no processo criativo da filosofia, bem como na interação dos sujeitos no ciberespaço. Em filosofia,

isso se manifesta na violência que a ausência de pensamento produz, que força o filósofo a produzir um conceito como resposta. Já na cibercultura, isso se manifesta na intensa dialética entre o usuário e a ferramenta, que produz novos sentidos conforme esta é posta em atividade. Em maior ou menor grau, há instauração de novos sentidos em ambas as possibilidades, o que facilita uma aproximação.

Isso permite que se considere a possibilidade de criações conceituais determinadas pela estrutura do ciberespaço, marcadas por suas características específicas. O que dá margem para que seja repensada a estrutura tradicional do fazer filosófico, baseada no texto, na linearidade e na centralização da produção sobre um autor. Talvez seja possível expandir essa compreensão e considerar formas inovadoras de se filosofar, com experiências de problemas mediadas por recursos digitais, criações de conceitos coletivas e em rede, e apresentação das criações em outras mídias, como vídeos, imagens e hipertextos.

Para explorar essa aproximação da filosofia e da cibercultura, este trabalho propõe articular as obras de Gilles Deleuze e Félix Guattari, Pierre Lévy e Silvio Gallo, discutindo o conceito o conceito de filosofia, a noção de pedagogia do conceito, a cibercultura e os desdobramentos possíveis dessa discussão. Por fim, acredita-se que somente com a integração da filosofia e seu ensino às tecnologias digitais é que se abrirá um horizonte de possibilidades para novas e importantes práticas em filosofia.

Criação conceitual

Deleuze e Guattari (2000; 2010) nos indicam que em si o real se expressa de maneira caótica, desorganizada, com todas as coisas interferindo umas nas outras e afetando os processos de transformação constantemente, não permitindo uma visualização clara e distinta. Tudo se desloca e transforma-se intensamente, em velocidades superiores às do pensamento, escapando as tentativas de apreensão. Além disso, a complexidade atravessa tudo, não permitindo uma distinção em si daquilo que é. O real é um intenso turbilhão em que todos estão lançados.

Contudo, não é possível habitar o caos, pois ele lança no vazio da incompreensão, o que causa grande angústia a qualquer um. É preciso, portanto, atuar sobre o caos, fazer algo com seus movimentos de tal modo que seja possível habitar junto a ele. É possível procurar desacelerar os movimentos, como a ciência o faz. É possível captar e sustentar

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n. 2, p. 15-25, maio/ago. 2022
Recebido em: 10 jun. 2022 | Aceito em: 31 jul. 2022

as intensidades, como a arte o faz. Mas também é possível ordenar os movimentos, sem os desacelerar, como a filosofia o faz. Assim, a filosofia, através da criação de conceitos, é uma das possibilidades de recortar o fluxo caótico dos acontecimentos do real, ordenando suas variações sem as extrair de seu contexto e movimento. Sem a criação de conceitos não seríamos capazes de habitar um mundo de sentido, pois não poderíamos reconhecer qualquer coisa ao nosso redor (nem nós próprios). Nesse sentido, é um ato fundamental para a existência humana, seja praticado de forma inconsciente, pela opinião, ou intencional, pela filosofia.

Esse processo se dá sempre em função de um problema: o do vácuo de pensamento, da incapacidade de pensar um acontecimento, ordenando o movimento do caos. Os conceitos são criados sempre como soluções, que visam munir o pensamento das condições necessárias para não sucumbir a obscuridade do caos. Estão sempre, dessa forma, ligados ao problema que os anima, o qual nunca é o mesmo. Por exemplo, as condições do problema da justificação do conhecimento em Descartes são diferentes das que aparecem no pensamento de Aristóteles, o que acabou por produzir conceitos diferentes. Dessa forma, o "cogito" cartesiano não teria como surgir na filosofia aristotélica, uma vez que o problema que animou a criação desse conceito não se fez presente nesta filosofia. Por mais que os sistemas filosóficos pretendam universalidade, são apenas conjuntos de blocos conceituais situados e sempre vinculados aos problemas que os animam. Dessa forma, não há uma Filosofia absoluta.

Conforme Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), a criação filosófica se dá através da articulação de três elementos: os conceitos, o plano de imanência e os personagens conceituais. Essa articulação não se dá pelo mero equilíbrio entre partes, mas de uma ressonância dessas, em que através de sua operação conjunta produzem-se ou não intensidades. Não há propriamente um ato intelectivo por trás dessa harmonização, senão um saber instintivo, que abre o filósofo a percepção dos problemas e a compreensão de sua suficiente satisfação. Trata-se de um *gosto filosófico* aquilo que orienta o filósofo, o qual por sua vez pode ser exercitado e aperfeiçoado, conforme se interage com os signos filosóficos.

Quanto a esses três elementos, podemos afirmar do conceito, que é uma singularidade que não varia, apenas ordena as intensidades dos movimentos do plano de imanência (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Ou seja, o conceito permanece, enquanto os entes seguem transformando-se. Por exemplo, o conceito de macaco não varia, mesmo

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n. 2, p. 15-25, maio/ago. 2022
Recebido em: 10 jun. 2022 | Aceito em: 31 jul. 2022

enquanto especifica uma variedade incontável de entes com diferenças significativas entre si. Por não variar, e por sempre indicar a configuração de um acontecimento por vir, o conceito não se refere a nada, senão a si próprio - é autorreferencial. Por mais que possa ser expresso proporcionalmente, o conceito não é discursivo, carregando uma riqueza de sentido maior que a palavra é capaz de transmitir. Sendo sempre uma criação para ordenar o caos, há no conceito uma remissão constante a outros conceitos, uma vez que se articula em zonas de indiscernibilidade, em que não é possível determinar onde terminam nem começam. Por isso o conceito é relativo e absoluto ao mesmo tempo: relativo em suas partes, que também podem ser tomadas como conceitos, mas absoluto como todo.

Quanto ao plano de imanência, trata-se da imagem do pensamento que se consolida conforme os conceitos são criados, ou seja, é o plano em que os conceitos se dão enquanto acontecimentos. Distingue-se, portanto, do conceito, apesar de depender deste para ser colocado. Constitui, dessa forma, uma mútua implicação com o conceito – um não podendo emergir sem o outro. De fato, talvez nem seja adequado falar que o plano de imanência é totalmente filosófico, uma vez que possibilita uma compreensão não conceitual para a criação dos conceitos. Em outras palavras, o plano de imanência oferece a experiência dos problemas para que seja possível a criação conceitual, processo que antecede a experiência dos conceitos. O plano de imanência corresponde a um corte no caos, que opera como crivo (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Dessa forma, se o plano de imanência é apenas um corte no caos, podemos supor que não existe apenas uma forma de operar esse corte, o que implica na possibilidade de múltiplos planos diferentes, ou, pelo menos, em múltiplas formas de dispor um mesmo plano. Assim, cada sistema filosófico apresenta um plano de imanência próprio, que possibilita a criação de seus respectivos conceitos, o que determina recortes da experiência do real e a matéria do ser. O plano de imanência se caracteriza pelo movimento infinito de sua virtualidade, dobrando suas duas faces uma na outra: o pensamento e a natureza. Se podemos dizer que os conceitos são constituídos de intenções, o plano de imanência o é de intuições.

Se o plano de imanência é o que determina os recortes da experiência e a matéria do ser, o personagem conceitual é quem orienta a abordagem dessas determinações e quem dispõe os conceitos sobre o plano. Trata-se do agente de expressão do pensamento filosófico, estando em uma relação recíproca com o plano de imanência: ora parece precedê-lo, ora segui-lo (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Raramente aparece por si próprio, não se confundindo nem com a figura do filósofo, nem com os tipos psicossociais

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n. 2, p. 15-25, maio/ago. 2022
Recebido em: 10 jun. 2022 | Aceito em: 31 jul. 2022

situados no tempo. O personagem conceitual é potência de conceito, sendo uma aptidão do pensamento para a percepção através de um plano de movimentos infinitos. Assim como o plano de imanência, o personagem conceitual não se confunde com o conceito, sendo, em verdade, aquele que coleta determinações do plano de imanência e dispõe conceitos que correspondam a essas. Esse processo é marcado pelos traços distintivos do personagem conceitual, tendo, por exemplo, aspectos práticos, relacionais, dinâmicos, jurídicos e existenciais (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Toda essa dinâmica acaba por compor uma pedagogia do conceito, que permite o aprendizado deste a partir da experiência de seus problemas. Essa pedagogia pode ser pensada em dois sentidos: partindo do problema para conhecer o conceito ou partindo do conceito para experimentar o problema (GALLO, 2012). Em todo o caso, não foge do fato de que em todo o conceito está implicado um problema que lhe dá sentido, e que é preciso ter contato com ambas as instâncias para um aprendizado propriamente filosófico. É fundamental aprender a colocar adequadamente o problema, o que pode se dar pelo deslocamento de planos de imanência, de conceitos, ou pela instauração de um novo problema - é somente assim que será aberta a possibilidade de uma criação conceitual propriamente dita. Portanto, a pedagogia do conceito implica o duplo movimento de experimentar o problema e colocar o conceito (GALLO, 2012), operando em ambas as direções para uma melhor compreensão do processo. A proposta é trabalhar para desvelar a dinâmica que ocorre por trás do processo de criação conceitual, que nem sempre é explicitada pelos autores em seus textos.

Esta é a estrutura da produção de sentido em filosofia, que se expressa através da criação de conceitos. Vejamos agora o que é e como se dá a produção de sentido na cibercultura.

Cibercultura

Em função dos avanços das tecnologias digitais, novas formas de comunicação e manipulação da informação são criadas. Isso possibilita o surgimento da noção de ciberespaço, que é o horizonte de possibilidades criado pela interconexão mundial dos computadores e de suas memórias. Trata-se de uma nova compreensão de "espaço" que surge para expressar o ambiente em que nos deslocamos virtualmente ao nos conectarmos nas redes. Possui uma lógica própria, indo para além de da estrutura física de operação,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n. 2, p. 15-25, maio/ago. 2022
Recebido em: 10 jun. 2022 | Aceito em: 31 jul. 2022

abarcando todas as informações que estão dispostas, além dos usuários que nele interagem. “A emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização” (LÉVY, 2000, p. 25), já que possibilita um conjunto de possibilidades jamais pensadas por qualquer fora de cultura anterior.

A partir da noção de ciberespaço é acelerado o processo de superação das limitações espaço-temporais, contribuindo para o processo de virtualização do mundo através da tecnologia, que lentamente vinha se acelerando ao longo dos anos (LÉVY, 2000). Esse processo acelera-se a tal ponto, que chega a possibilitar que formas de pensamento ubíquo se tornassem possíveis. É um processo altamente disruptivo, que lança novas formas de se relacionar com a informação.

Por sua dinâmica, se pode dizer até que que a rede constituída pela totalidade do ciberespaço não corresponde a soma de vários computadores diferentes, mas sim a constituição de um único e poderoso computador, sem limites e sem contorno, cujo centro está em toda a parte e sua circunferência em lugar algum (LÉVY, 2000). Nunca antes o mundo esteve tão acessível, possibilitando conhecer pessoas e lugares de forma tão rápida e direta, tendo contato com o novo e descobrindo outras possibilidades de ser. Tudo isso abre um horizonte para que seja pensada uma nova forma de cultura, própria dessa dinâmica intensa, virtual e ininterrupta. Eis a era da cibercultura.

A cibercultura não expressa apenas novos costumes e valores surgidos do ciberespaço. Significa um movimento mais profundo, de emergência de um novo universal (LÉVY, 2000), ou ideia geral, que diferente das formas de cultura anteriores, não pretende ser totalizante, isto é, abarcar e dar sentido para a totalidade do real. O universal da cibercultura está apoiado na própria indeterminação de um sentido global para o real, ou seja, é uma forma de cultura descentralizada, que reconhece como legítimas as possibilidades de sentido que surgem conforme se dá a expansão do ciberespaço. O todo está fora de alcance, portanto, a cibercultura não possui uma estrutura hierárquica de distribuição de sentido, mas em rede, em que as diversas fontes de sentido se interconectam e se afetam mutuamente, transformando-se conforme se expandem. No entanto, a totalidade de sentido produzido pela rede não constitui um sentido único totalizante, a partir da integração das partes, mas permanece sempre em aberta a possibilidade de emergência de novas formas de sentido para habitar esse universal.

A cibercultura, portanto, especifica um conjunto de práticas, técnicas, modo de pensamento e valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço (LÉVY,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n. 2, p. 15-25, maio/ago. 2022
Recebido em: 10 jun. 2022 | Aceito em: 31 jul. 2022

2000). É uma nova forma de produzir cultura, que não passa por centros integradores e difusores de sentido, mas que coloca diretamente os sujeitos em contato, produzindo novos sentidos a partir dessas interações. Estas se dão entre as fontes de sentido, que são agrupamentos de sujeitos, em que são reconhecidas e afirmadas as diferenças, os quais contribuem com atos criadores em função de seus interesses para a produção de novos sentidos. Ao que tudo indica, esse processo de produção segue a dinâmica problema-solução, em que a dialética entre o sujeito e a tecnologia digital instaura novos sentidos conforme esta é posta em atividade. Isso porque a própria abertura da cibercultura à indeterminação, abre ao usuário a possibilidade que desempenhe criações conforme interage no ciberespaço. É por essa razão que, antes mesmo de realizar o que seria considerado uma grande criação, o simples fato de navegar na internet já configura uma pequena instauração de sentido, uma vez que os caminhos escolhidos entre os hiperlinks já configura sentidos diferentes, que colocam os mais diversos hipertextos em contato.

Assim, desde a navegação entre os hipertextos, até a produção de mídias, ou perfis em redes sociais, tudo convida o sujeito à instauração de novas possibilidades de sentido, que, quando compartilhadas, podem ser articuladas na constituição de uma inteligência coletiva. Esta trata-se de um movimento disruptivo, que configura uma nova abordagem no tratamento da informação (LÉVY, 1998). Diferentemente das abordagens antigas, baseadas no trabalho individual e no gerenciamento centralizado da informação, a inteligência coletiva dá ênfase à produção coletiva do conhecimento, em que cada um colabora com sua inteligência para a constituição de uma inteligência maior, desterritorializada, presente em todos os lugares, mas sem pertencer a lugar algum. Isso gera uma mudança no modo de distribuir e gerenciar a informação, as quais passam a ser transmitidas em fluxos orientados aos usuários. Há um reconhecimento da capacidade de conhecer de toda a humanidade, abrindo a possibilidade para que qualquer possa contribuir para a construção dessa rede de conhecimento. Isso afirma uma valorização da inteligência coletiva de todos que para ela contribuem, resgatando um aspecto positivo em cada uma dessas contribuições. Dessa forma, não se pretende a mera produção de um grande projeto cognitivo, mas a mobilização de competências para que cada sujeito passe a buscar reconhecimento e enriquecimento mútuo conforme se desenvolve essa inteligência.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n. 2, p. 15-25, maio/ago. 2022
Recebido em: 10 jun. 2022 | Aceito em: 31 jul. 2022

Indicada o que é e como se articula a cibercultura, em termos de produção de sentido, vejamos agora como é possível aproximá-la da criação de conceitos, visando uma potencialização e renovação de práticas desta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de filosofia construída por Deleuze e Guattari (2010) abre a possibilidade para que todos possam criar conceitos, e não apenas um conjunto seleto de sujeitos que cumpram determinadas exigências - como formação acadêmica na área, a filiação a um mestre ou instituição ou ter uma produção bibliográfica significativa. Não que seja uma tarefa fácil, nem que todos os conceitos criados possuam grande relevância e impacto, mas o fato é que há uma democratização dos processos de pensamento, possibilitando que diferentes abordagens possam ser reconhecidas como legítimas. Assim, qualquer um que venha a experimentar problemas filosóficos pode sentir-se motivado a buscar soluções sob a forma de conceitos, instaurando planos de imanência e mobilizando personagens conceituais.

O mesmo ocorre no contexto do ciberespaço, em que os sujeitos são convidados a um exercício de produção de sentido conforme interagem nas redes. Mesmo que não produzam documentos ou outras mídias, já a simples navegação no oceano do universal da cibercultura já cria caminhos únicos, conectando pontos e estabelecendo sentidos. Essas produções são individuais num primeiro momento, correspondendo a utilização que cada um faz da tecnologia digital. Contudo, tendem a se articular com produções que são realizadas por outros sujeitos, o que estabelece não apenas conexões, mas pontos de concentração de práticas, modos de ser e valorar o mundo. É assim que os fóruns, as redes sociais, os blogs e outras possibilidades do ciberespaço se organizam, sempre em função das diferenças dos sujeitos mobilizadas por seus interesses. Percebe-se, dessa forma, o processo de virtualização (LÉVY, 1996) operado pelas tecnologias digitais, que mobiliza os sujeitos e os coloca em interação, desprendendo-se do espaço e do tempo.

Enquanto no âmbito da filosofia o sentido se manifesta de maneira mais sólida, sendo os conceitos erigidos em articulações estruturadas e harmônicas, o que não demanda recriações, no contexto da cibercultura é preciso constantemente produzir sentido, agregando materiais e documentos em função de pontos de convergência e interesse. Assim, se os sistemas filosóficos poderiam ser encarados como territórios, em

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n. 2, p. 15-25, maio/ago. 2022
Recebido em: 10 jun. 2022 | Aceito em: 31 jul. 2022

que são erigidos os conceitos, então os centros de sentido na cibercultura seriam como arcas, em que as práticas, valores e modos de ser se desenvolvem e podem interagir com as demais. Ambos são núcleos com uma coerência interna e externa, que produz múltiplas interações, porém o sentido produzido pela cibercultura é mais fluído, pois está em uma relação mais intensa com seu fora, sendo constantemente refundado e atualizado. Em outras palavras, não há variação nos conceitos, apenas em seu sentido conforme são ativados, enquanto na cibercultura há uma intensa variação - o que explica como as práticas são constantemente renovadas e atualizadas (novas redes sociais, novas tendências, novos memes etc.).

Com tudo isso podemos colocar a questão: se criamos constantemente na internet, os mais diversos objetos, então por que não seríamos capazes de criar conceitos da mesma maneira? Basta inventar as técnicas certas para que isso se torne possível, o que pode implicar em formas radicalmente diferentes de se fazer filosofia. Não que se pretenda criar um novo tipo de conceito, fluído, mas sim explorar as potencialidades criadoras do ciberespaço para que novas práticas possam se dar. No fim, essa pergunta indaga sobre a prática do filósofo, não sobre seu produto. Pois se é possível que problemas filosóficos sejam experimentados no ciberespaço, através de hipertextos, multimídia e realidade virtual, então é imaginável que conceitos venham a ser criados para lhes responderem. Assim, parece abrir-se um horizonte para que consideremos processos criadores baseados em produções coletivas, hipertextuais e descentralizadas, explorando os recursos do ciberespaço e a influência da cibercultura. Isso elevaria a potência da criação realizada a um outro nível, além de atualizar as possibilidades do fazer filosófico.

Tudo isso passa pela integração entre a filosofia (e seu ensino) e as tecnologias digitais. É preciso que os recursos digitais não sejam vistos como meros recursos, que servem apenas para auxiliar as práticas, mas também como fins, determinando o âmbito em que o filosofar acontece. Dessa forma, não se pretende usar computadores para criar conceitos que poderiam ser criados de qualquer outra forma, mas para criar conceitos que só poderiam ser criados dessa forma, através das redes e do trabalho de inteligência coletiva, só possíveis no âmbito da cibercultura. Essa integração, portanto, conta com a apropriação das tecnologias digitais pelo pensamento, que passa a se expressar através delas, maquinando o filósofo com os novos recursos.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n. 2, p. 15-25, maio/ago. 2022
Recebido em: 10 jun. 2022 | Aceito em: 31 jul. 2022

Considerando todo o processo de virtualização do mundo operado pelo advento das tecnologias digitais, parece natural que a filosofia também seja abarcada. A pergunta que fica é: já estamos preparados para isso?

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Editora 34, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de Filosofia: Uma didática para o ensino médio**. Papirus editora, 2012.

LÉVY, Pierre. **O Que é o Virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Editora Loyola, 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 23, n. 2, p. 15-25, maio/ago. 2022	
Recebido em: 10 jun. 2022	Aceito em: 31 jul. 2022